


Obra de Rapazes, para Rapazes. pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo *

Director: Padre Luiz



Trabalhos agrícolas na Casa do Gaiato de Lisboa. «Dê-se ao Rapaz o sabor de comer o pão, em nossas Casas, com o suor do seu rosto.» Na verdade — citando Pai Américo — «um dia de trabalho corresponde a uma noite tranquila e são».

CANTINHO dos RAPAZES

Dias saborosos têm sido os meus últimos domingos. Às vezes é assim, às revoadas. O casamento de um dos nossos; dois baptizados de filhos de outros nossos; ontem, a estreia da casa de um outro.

«Quem semeia em lágrimas colhe em alegrias», reza um salmo divinamente inspirado. Não digo que seja em lágrimas a nossa sementeira em vós, mas em esforço, num incessante desgaste de paciência, isso sim. Mas vale a pena. Ninguém semeia sem os olhos postos na colheita. Ninguém vive da Fé e na Esperança sem o pensamento da Vida. Mal nos fora se não fosse assim. E assim é bom viver.

Ontem foi a casa do Zé. Que linda! E tudo tão simples! Ele e os seus segundo a carne e o sangue e o amor e eu. Em volta da mesa, que é o lugar das profundas e íntimas celebrações, como Jesus fez com os seus Discípulos tantas vezes e com especial

projecção na derradeira Ceia, que nós repetimos, a Seu mandado, no Altar. Não houve banquete. Foi caldo e um prato e uma sobremesa — tudo temperado com muito contentamento e amizade.

E eu sei qual a raiz destes sentimentos, deste estado de espírito. Participo dela e participei do crescer esforçado dos ramos e das folhas até ao fruto. Está linda a casa! Mas que o não estivesse, era sempre linda por causa dos sacrifícios e renúncias que custou.

«Onze contos — me recordou ele, ontem — era tudo quanto tinha há onze anos, quando me casei». Com isso comprou o indispensável recheio do seu lar e ficou endividado em bastante mais. Depois trabalharam ele e ela, economizaram, privaram-se de muitas coisas agradáveis mas supér-

Cont. na QUARTA pág.

Calvário

Passavam por aqui de vez em quando. Mais ele, de bengala na mão e saco ao ombro. Ela, pequenina e ressequida pelo tempo, fazia-lhe companhia, uma vez ou outra, no esmolar de porta em porta.

Ontem vieram dizer-me que eles estavam mal, que não podiam continuar mais tempo na imundície onde viviam.

Subo, pois, à encosta da serra. O lugar é pequeno. Algumas casas apenas. Estas escondem-se por detrás dos muros e abrigam-se do sol com a folhagem das ramadas. O caminho que percorro é ele mesmo ensombrado pelas vides. O quinteiro está aberto. Crianças brincam.

— É ali.

Dois aídos antigos são a habitação do casal que procuro. No primeiro, uma cama baixa enche-o por completo. O ti Ventura está deitado nela, embrulhado em mantas enegrecidas. O outro aído tem a porta meio aberta. Espreito. A ti Maria está sentada à lareira morta. Tudo é mais negro por aqui. As paredes, o chão, os tachos, o feto, o rosto e a vida da pobre velhinha.

Vivem sós os dois em local que outrora abrigou porcos. Têm vivido de esmolas; umas em dinheiro, outras em presenças acariciadoras. Agora, porém, é necessário dar-lhes mais — uma morada digna e o aconchego respectivo.

Esperaram oitenta e dois anos pelo nosso respeito, pela nossa mão, pelo nosso perdão!

Eu já lho pedi ao vesti-los com a melhor roupa que aqui descobri, após o primeiro banho da sua vida.

Felizes eles ao verem-se de lavado após o dito. Abraçaram-se um ao outro ternamente. O quarto, em casa ajeitada de propósito, era o quarto de noivos. A mesa, era a mesa de boda, com bolo saboroso por aquele que então não tiveram.

Que festa! Que felizes! Mas nós mais ao presenciarmos a alegria dum casal que renasce na velhice.

Padre Baptista

Património dos Pobres

«Transformar barredos e mais em casinhas simples e airosas; dar-se o necessário a quem o não tem — eis o principal problema da actualidade.» PAI AMÉRICO

Foi no ano de 1951 que ele começou. Primeiro com a elevação de quatro edifícios na freguesia de Paço de Sousa, para outras tantas famílias sem recursos. Depois, à maneira das coisas simples e naturais, como o segredo do «Ovo de Colombo», o movimento espalhou-se por todo o País. Inicialmente destinado a construção de casas para Indigentes, rapidamente abrangeu a reparação ou remodelação de outras e as ajudas aos Auto-construtores, fixando-se, com a mudança das condições económico-sociais, nesta última modalidade, através de pequenos auxílios, pela altura do telhado. Quantas casas construídas sob o influxo directo do Património dos Pobres e do impacto por ele produzido em muitas regiões, sobretudo através dos Párcos e das Conferências Vicentinas, nem nós sabemos. Nunca as estatísticas foram a nossa especialidade, mas podemos assegurar números à volta dos 5.000 para as construções feitas de raiz.

Sem ajudas oficiais há longos anos, o «nosso» Património dos Pobres tem continuado. Os Auto-construtores, geralmente através dos seus Párcos garantes das condições de dimensionamento e de salubridade exigidas aparecem. Da nossa parte, fiéis depositários do que, grão

a grão, nos vai chegando, vamos distribuindo, analisado cada caso e, se possível, com a visita aos locais. Tudo muito singelo e sem alardes, conscientes que investindo no Homem não pode haver maior reprodutividade, já que os nossos critérios não são meramente económicos.

No ano passado, do que nos foi confiado, entregámos 429 contos, repartidos por 69 Paróquias, representando o contributo para que cerca de 143 famílias sentissem a alegria e o bafo de possuírem um lar próprio. Insignificante gota de água no mundo das necessidades, sem dúvida, mas solidariedade efectiva e real. De resto, mais do que as verbas fraternalmente partilhadas, nos importa o estímulo oferecido a quem, pelos seus sacrifícios, tantas vezes heróicos, se aventura a construir a sua própria casa, num testemunho de vontade e numa afirmação de valores humanos que importa acarinhá-la.

Referimos atrás o «nosso» Património dos Pobres. Queremos assinalar o possessivo. O Património dos Pobres é de todos: dos que enviam as suas economias ou o produto das suas renúncias, daqueles com quem são partilhados e dos

Cont. na QUARTA pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

A Festa de Cristo-Rei, na Capela, prolonga-se no altar dos Pobres.

Todos os domingos é assim. Cristo alimenta a nossa missão. É a Força que nos arrasta a caminho dos Pobres.

Fomos ao encontro de um casal de velhos. Era um dia de sol brilhante. Vento glacial. As folhas caducas serpenteavam nos caminhos, como nun festival de cores. Ainda não perderam a beleza outonal que nos motiva!

No patamar das escadas de granito dos nossos anfitriões, qual eira dos Pobres, é uma rasa de milho ao sol de S. Martinho. Dentro do casebre, no mocho, a dona de casa tece um par de meias de lã. Tão quentinhas!

— Não posso fazer muitas. Sou doente. E, adei, elas agora não dão acajo nada...!

Quisemos tocar as péugas. Tão quentinhas!

— Onde está o seu homem?

— Ali.

Algo envergonhada, aponta para as traseiras da tosca cozinha de pedras sobrepostas.

Descemos as escadas. Ele estava com as calças na mão...! Fazia sobre

um monte de estrume, frente às janelas airozas da vizinhança.

— Como a gente não tem mais quê, tem de ser aqui e assim.

Aperta os botões da calça, do colete e do casaco. Vagarosamente. Tremendo de frio, que o vento corta. Mas satisfeito com a nossa presença.

— Por aqui?!!

— Isto não pode ser!, comentámos.

Isto é, apenas, um restrito panorama das gravíssimas carências nacionais...

— Quem dera poder construir uma retrete, esclarece. Quem dera. Mas não posso! Hei-de morrer assim...

— Morrer assim é que não, que a gente não deixa. Vamos já solucionar o problema, pois a obra não ficará dispendiosa. E que ficasse!

— Ai que bom!

Segundo a Imprensa, os ministros do reino andam preocupados — e muito bem — com o saneamento básico. Já teriam cheirado caca desta forma...?!

Bom conversador, o encontro daria uma manhã inteira com os nossos interlocutores.

— Estou para aqui arrumado, há onze meses. Cai das escadas e parti o braço e a perna (esquerdos). Levaram-me pró hospital... Antes fosse logo à endreita. Agora, nem barbas nem cordas!... Só a reforma, 500\$; o abono meu e dela, 200\$00; o dinheiro das poucas meias q'ela faz;

e a hortaliça do campito que já não posso amarrar. Ao fim duma vida inteira, mais nada.

Ele era um barbeiro ambulante. E cordoeiro, também.

— Ô q'eu cheguei! Nem barbas, nem cordas — continua. Está a ver? Não mexo os dedos. Como posso mexer na cara dos fregueses? Arranhava as pessoas. Ah! isso é q'arranhava. E vai ser difícil trabalhar nas cordas. Só q'ando o tempo aquecer, pois a mão doente está sempre fria. Não aganto. E eu que não gosto de estar quieto! Queria morrer a trabalhar. Antes o Senhor me tivesse levado q'ando caí.

— Aceitemos a vontade de Deus.

— Que runédio!

Põe respeitosamente a mão no chapéu, ao invocarmos o Nome de Deus.

Aqui e ali, a mulher intervém por causa das omissões:

— Já meti três vezes os papéis prá reforma. E continuo sem receber. Mas eu trabalhei a vida inteira na laboira...!

Acrescenta ele:

— Já reclamei. Há casais que ainda trabalham — vivem bem — e estão ambos a receber... Porque não fazem o mesmo às mulheres dos Pobres, às miseráveis?! Houve quem não gostasse das minhas palavras. Mas é verdade!

Os problemas de Justiça são ter-

ríveis! Mais ainda quando sangram na consciência dos Pobres.

Estávamos já com o pé na soleira, em jeitos de despedida. Mas o nosso anfitrião não despega!

— Quem me dera ir à endreita! Só fico descansado q'ando for à endreita.

— Vamos lá no próximo sábado — promete o nosso companheiro vicentino; com o devido respeito que nos merecem os senhores licenciados, os senhores doutores.

A face do homem brilha de satisfação.

— Vamos lá!

Antes de apertarmos as mãos, segreda ainda os trabalhos que passaram com os doze filhos que Deus lhes deu. E, por ironia, sublinha ainda com autoridade: «Um cria dez. E dez, se calhar, não queriam um!» Foi a despedida.

PARTILHA — Vem aí o Natal. A grande Festa da Família cristã. «O Verbo fez-se carne e habita entre nós.»

Cristo presente. Não pretérito. Ele é no mais fraco, no mais repelente, no mais pobre, no mais sofredor.

Custa a entender a profundidade do Natal? Por isso mesmo o Senhor procura motivar-nos a entendermos a Sua Mensagem pela acção e nos factos mais comecinhos do dia-a-dia: «Tudo o que fizerdes ao mais pequenino é a Mim que o fazeis.»

Eis o Natal! Sem lérias ou rou-pagens intelectuais.

Nas vésperas do grande Dia iremos expressamente junto dos Pobres, de mãos cheias e coração aberto, como recoveiros das vossas renúncias, partilhar a Alegria do Nascimento do Redentor. Aqui estão:

Logo na frente é «uma vossa Amiga». E mais uma farense. Depois, 500\$00 para a Auto-construção. Os habituais cem de Lisboa. Ainda de Lisboa, o dobro de Maria. Oliveira do Douro:

«Junto cheque de 300\$00 para aplicarem da maneira que lhes aprouver. O anonimato habitual, por favor.

E como se aproxima o Dia de Cristo-Rei, muito agradecia uma oração para que todos nós aceitemos a Cristo como Rei e Senhor que é, e assim as nossas vidas se transformem de maneira a não negarmos tal Realza de Amor e Bondade.»

Chegou na hora própria!
Outra presença habitual da rua Pascoal de Melo, Lisboa: 100\$00. Metade de Leitões (Mira). Mais 100\$ de Gaia, Assinante 8451. De quem agradece «não ver o nome no Jornal», 2.000\$00. Vieram de Paço de Arcos. Boas melhoras, estimada Amiga! Mais 100\$00 da Assinante 19177, promessa de todos os meses. Régua, o mesmo. Brasil, 500\$00 «pela alma dos meus falecidos». E, agora, mais uma carta de Lisboa:

«Sou assinante de O GAIATO há já alguns anos. Estou sempre ansiosa pela sua chegada. Leio-o de ponta a ponta e logo dum jacto, para mais tarde tornar a ler a sua prosa.

Filha de pais que repartiam do que tinham pelos Pobres, necessariamente que à força do exemplo teria de os imitar e seguir. Eis porque envio mais umas pequenas migalhas.»

Descreve, a seguir, casos que lhe



O Arménio e a Irsã casaram na Capela da nossa Aldeia de Paço de Sousa.

feriram a alma. Finalizando: «Se por qualquer motivo estas pessoas já não necessitarem deste auxílio, dar-lhe-ão (às migalhas) o destino que entenderem».

Delicadeza cristã!
Muito obrigado.

Júlio Mendes

FALA O «PERIQUITO»

Eu gosto muito de estar nos galinheiros porque gosto muito de criar pintainhos, galinhas, patos, perús, coelhos, etc.

Eu já estava a trabalhar na horta com o senhor Manuel e mais a senhora Maria, mas eu pedi ao Carlitos que queria ir para os galinheiros.

Já estou a trabalhar nos galinheiros! Como o senhor Padre Moura, também gosto de tratar bem os animais.

Galinhas novas, galinheiro novo... E termino assim esta minha crónica com um abraço para todos vós.

Carlos Adolfo Gradim Miranda
«Periquito»

FARRAPOS

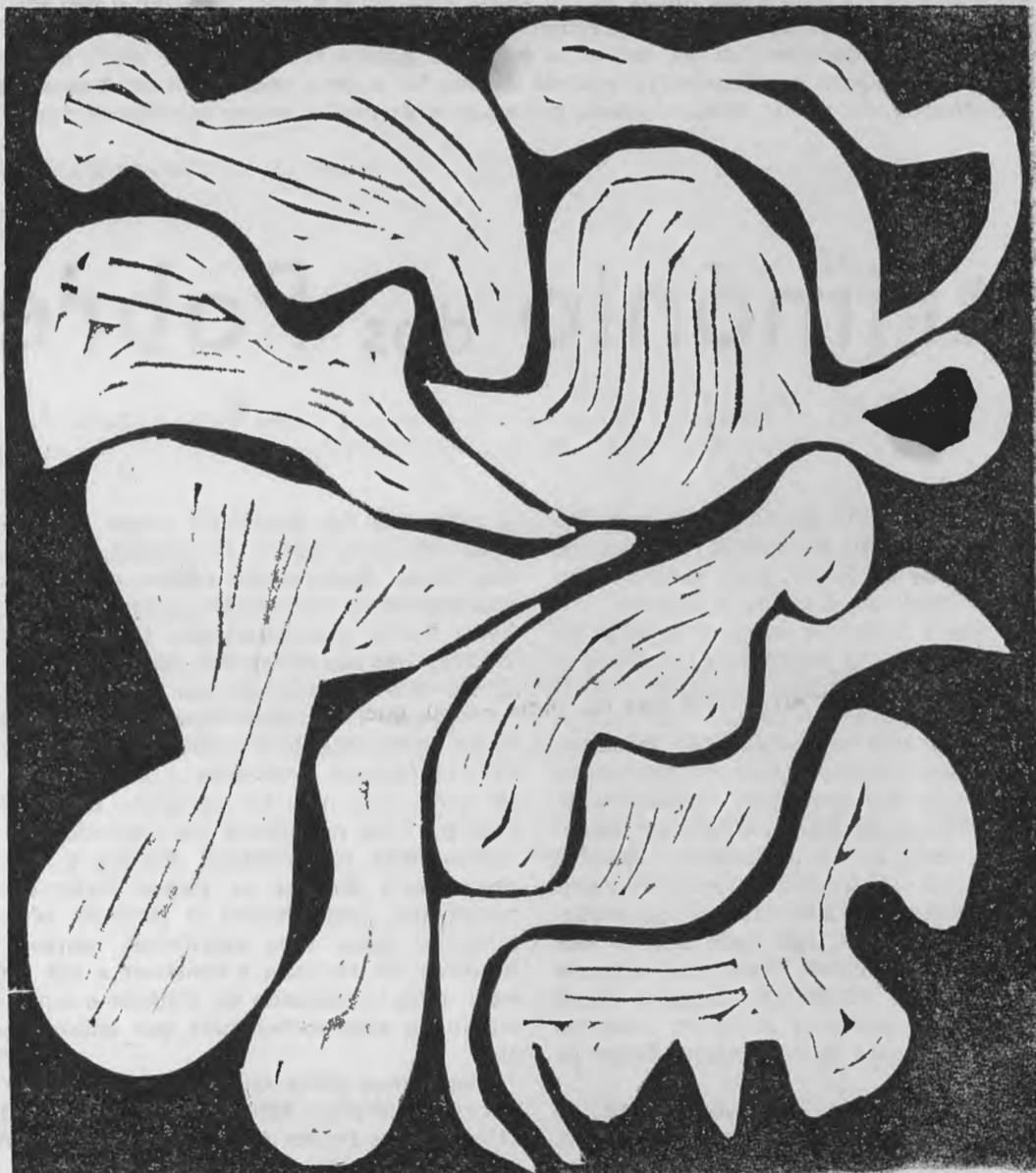
No canto duma rua,
Numa cidade.

Sem pernas,
Todo esfarrapado,
Mendiga.

Todos lamentam,
Mas ninguém o atende.

Faz-se noite
E tem fome.
Adormece para esquecer...

Luis Mendes
Novembro/76



LINÓLIO/BERNARDINO

TRIBUNA DE COIMBRA

A Palavra do Senhor que no domingo nos foi revelada e nos apresentou a Viúva de Sarepta, viúva pobre e pagã a quem o Profeta se dirigiu a pedir pão, provoca a vida de renúncia de todos aqueles que são capazes de escutar a voz dos Outros.

Aquela pobre mulher, que nem sequer fazia parte do povo eleito, dispõe-se a cozer o resto da farinha e do azeite que tem em casa para matar a fome àquele mensageiro e depois resigna-se a esperar a morte.

Que bela lição de desprendimento dos bens materiais neste mês em que recordamos, dum modo especial, os nossos mortos! A morte não poderá amedrontar aqueles que estão libertos e que foram capazes de conseguir esta libertação acudindo à fome — seja ela qual for — dos Irmãos.

Na mesma celebração Jesus Cristo apresenta-se sentado no Templo em frente da caixa das esmolas. Vão uns e deixam quantias grandes e vai também a pobre Viúva e abre as mãos com duas pequenas moedas. Jesus chama a atenção dos discípulos para aquele **dar tudo**.

Pouco em quantia, mas muito mais em valor que as quantias grandes — deu tudo.

Vamos hoje também, em ambiente de santuário, recordar o que nos foi oferecido, ou na caixa ou quando aparecemos mensageiros: Vale de dois mil da rua A. Herculano; cem em vale, de Seia; mil e quinhentos que casal veio trazer; vinte em carta; cinquenta em carta de Miranda; duzentos de familiares; visitantes; as mensalidades da Covilhã pela mãe Ana; as mensalidades em carta de Coimbra; os vales mensais de

Vilar Formoso; as cartas mensais das Linhas de Torres; a anónima mensal de Miranda; as lembranças mensais da «Amiguinha da Pereira»; as lembranças das velhas «Amiguinhas Maria Helena e Maria Isabel», de Coimbra.

A visita carinhosa e periódica da família que muito ama o nosso mais pequenino; quinhentos na visita de alunas de Liceu de Coimbra; as prestações mensais — e já muito antigas — a um dos nossos vendedores de Coimbra; quinhentos em vale, de Coimbra, pela saúde da Mãe; 150\$, bolos e a visita de alunos de Escola Comercial; mil em carta a vendedor de Coimbra; mil em cheque de Cantanhede; cheque da América; quinhentos que casal idoso veio oferecer; quinhentos em cheque de Cantanhede; as cartas mensais do Estoril; mil, mais cem em aniversário; 2.500\$ da Covilhã; mil de senhora de Casais do Campo.

Os embrulhos, os mimos, os envelopes, os recados que deixaram na Casa do Castelo. Há lá sempre alguma coisa. Há sempre o sorriso e a amizade de todo o pessoal daquela casa. Quinhentos em carta de «Amiga feliz». Que bom sentirmos esta felicidade! Quinhentos de alguém pela Mãe; duzentos em cheque ao vendedor de Leiria; mil da nossa Diocese como foliar da Páscoa; quinhentos ao vendedor de Leiria a pedir lembranças no altar; 500\$ da Covilhã a desejar Paz. Que sabor tão sublime o desta oferta! A Paz! A Paz ponto do amor fraterno!

Mil de sacerdote; mais mil doutro; mais outro com metade; mais outros com outras ofertas; quinhentos de Mãe aflita. Há

muitas mães aflitas. Eu tremo com receio que muitas destas aflições sejam fruto da abundância que rodeou ou rodeia os filhos. E nós continuamos a ser testemunhas de muitos filhos sem amor de mãe. Visitantes de C6s; 700\$ em vale de Coimbra; duzentos e muitas ofertas e mimos na minha aldeia; cem de Professora em Alqueidão; várias cartas e embrulhos de Castelo Branco; outra vez alguém da Covilhã com oferta ao vendedor a pedir a Paz; cheques da Mealhada; 60\$ a recordar Pai Amé-

rico; quinhentos levados ao Lar; 1.500\$ do mesmo modo e no mesmo lugar; 300\$ a vendedor em Coimbra; 1.500\$ em cheque de Coimbra; 1.200\$ trazidos ao Lar; 520\$ e vestuário de equipa de Condeixa.

Três mil dos Finalistas do curso comercial da Escola Jaime Cortesão, de Coimbra. Temos recebido sempre muito carinho com os nossos que ali são alunos. Não podemos deixar de dizer da nossa simpatia e gratidão a todos os que se recordam de nós nas refeições da Escola Comercial Brotero. Mãos que se abrem nas minhas; 300\$ de Lisboa; cem de V. N. de Poiares; e cartas de casal amigo das Meãs.

Padre Horácio

RETALHOS

● Aqui há dias fizemos o nosso magusto. Houve festa, boa disposição, mas no fim alguns ânimos estavam um pouco alterados e tive uma zanga como o «Periquito». Castiguei-o e diz-me ele:

— Eu sei porque o sr. Pe. Abel me castiga. É que um dia destes eu disse-lhe que era mais amigo do sr. Pe. Moura que de si.

Não. Não foi por isso que o castiguei. No entanto gostei de verificar que o «Periquito» sabe que a sua amizade é importante para mim.

● Eram já horas de dormir, mas naquela camarata a vontade para isso era pouca. Apetecia mais a conversa. Fui lá e disse:

— Tudo calado. Todos já deitados.

Um deles levanta-se, põe-se de joelhos e mãos postas fingindo rezar. Mas os olhos traíam a sua pretensa devoção. Percebendo a história digo-lhe eu:

— Emílio deite-se já!

— Não posso rezar?

— Não.

— Isto é que temos agora um padre que não nos deixa rezar!!

No dia seguinte alguém sabendo da história perguntou-lhe:

— Então Emílio, dizem que o Pe. Abel não te deixou rezar?

— Não. Eu é que estava a gozar!

Ri-me com a história, mesmo na altura em que aconteceu. Precisamos tanto de rir de vez em quando para temperar a caminhada da vida! Obrigado, Emílio.

● Um dos mais pequenos chamou-me e disse:

— Sr. Padre está ali uma senhora velhinha que lhe quer falar.

A ti Ana, já carregada de anos, mirrada, vestida de preto, com a pobreza à vista, disse-me que vinha por «alguma coisinha» com que pudesse fazer o caldo. Que não podia estar de pé. Cansada da viagem, convidei-a a entrar, mas preferia estar ao sol. Sentámo-nos nos degraus de pedra da casa-mãe. E ali ficámos a namorar, aquecidos pelo sol.

«Tenho diabetes, não posso comer batatas nem pão; só caldinhos de carne e tosta. Mas dinheiro para isso?!... Um dia destes tinha só uma pontinha de carne que fazia um caldo que era quase só água quente, mas sem querer entornei a panela. Fiquei sem almoço. Olhe que até chorei. Trago sempre um desgosto na alma desde que morreu o meu homem... Sabe, era muito meu amigo. Olhe que nunca me bateu. Eu também não respondia. Se ele dizia que era preto — eu, que

PARTILHANDO

Ontem foi um domingo de sol. Uma tarde de futebol, umas horas de cinema e televisão, para milhares e milhões de pessoas. Um passeio, uma festa, uma reunião de famílias, um encontro — outra faceta do descanso. Para outros, nem uma coisa nem outra.

Foi domingo de Cristo-Rei. O Seu aniversário aproxima-se. Ele falou da Verdade em que nasceu, viveu e morreu. E por isso voltou e voltará sempre até que todos os Homens possam nascer, viver e morrer sem a mentira a que vão estando sujeitos pelo egoísmo, cansados do verdadeiro sofrimento humano. Pela Verdade que viveu, morreu. Um curral ao nascer, uma cruz ao morrer. Aqui está a Verdade, aqui está o Rei! A Sua Vida e Doutrina ainda estão cheias de mito e «poesia» na vida de cada homem. Os Pobres ainda não O tratam por «tu». E Ele nasceu no meio deles e à Sua causa deu o melhor que tinha e sabia. É o caso da Sua morte violenta!

O Natal já lá vem mais uma vez. E os mais pobres, as vítimas da injustiça humana, ainda não vai ser desta vez que terão Boas Festas, com Festa...

Que ninguém se esqueça... O sol já vai alto demais!

Padre Moura

sim senhor; que era pedra — eu, que sim senhor. Se respondesse comia como as mais.)

Pergunto eu:

— Precisa de roupa?

— Não. Para que hei-de apregoar misérias que não tenho. Roupinha tenho muita; o caldo é que é pior.

E falou. Falou mais e mais. E agradeceu o que levava e a conversa. «Deus o console como me consolou a mim.»

Trouxe aqui esta história porque precisamos todos de nos lembrar que «ainda há Pobres» que passam fome; e perante esta realidade se tornam escandalosos os desperdícios de coisas, de tempo, de energias. Começamos por dizer «mea culpa», o que não chega, mas principiemos por aí, que é preciso começar bem.

Padre Abel

ta. Mas a malta não compreende... E abusa dele.

O *quarenta e sete* é um homem feio, tem as pernas tortas e seu corpo cabeludo cheira mal pelo trabalho duro e pesado de todos os dias. Mas..., interiormente, o *quarenta e sete* é uma alma santa, disponível e cheia de qualidades. É a malta, com a sua mesquinhez horrível, abusa dele.

Jovem formidável e respeitador de quanto vive e o circunda — quem me dera ser tão rico... como o *quarenta e sete*!

Manuel Amândio

Paço de Sousa

FESTA — Foram os nossos mais pequenos convidados a participar numa festa de Natal, em Vila do Conde.

Os preparativos já começaram. E tudo tem corrido da melhor forma. Não esquecer que são os nossos mais pequenitos.

Entretanto, cremos que tudo correrá bem. Felicidades para os pequenitos!...

MAGUSTO — Em nossa Casa tivemos o magusto. O local foi a parte frontal do nosso balneário.

O dia estava maravilhoso. Pena foi que quando estava prestes a acabar já estivesse escuro. Começa-se mais cedo!

A velha pinga não faltou. Foi beber e chorar por mais. A meu ver e pelo que ouvi, tudo correu bem, mas não tanto como nos anos anteriores.

RETALHO — Aproxima-se o Natal!...

Os nossos pequenitos já começam a falar do Deus-Menino. É a festa.

São as prendas!... Brinquedos mais brinquedos!

A refeição estou com um grupinho deles. Ouço-os e medito!... Por vezes vou à sua casa. Ouço e penso!... Sim, penso. É que eles sonham, sonham.

Brinquedos e brinquedinhos, binóculos, pistas, aviões de corda... Eu sei que não os podem ter. São muitos, tudo é muito caro, muito caro. Nós, uma família numerosa... Não quero continuar a dizer o que penso... Podem não gostar de me ouvir. A verdade muitas vezes é dura. E os corações não gostam de sentir a dureza...

CÃO DE GUARDA — Vão começar as obras nos nossos galinheiros. Entretanto, e enquanto o galinheiro actual vai sendo renovado, as nossas galinhas passarão para um outro, definitivo, nos nossos campos novos.

Só nos resta um problema. E como não o podemos resolver, dirigimo-lo aos nossos Leitores: precisamos de um cão, de preferência pastor alemão, que seja bravo e novo.

Com a certeza de que seremos bem ouvidos, podemos já dizer: os galinheiros ficarão bem guardados!...

«Marcelino»

Um exemplo a não esquecer

Como é bom o *quarenta e sete*! Que coração tão puro ele tem! Mas a malta abusa dele.

Que enormes sentimentos de solidariedade ele tem em favor dos Outros! Que soldado corajoso e simpático ele é! Mas a malta abusa dele.

O *quarenta e sete* adora ani-

mais. Gosta de passar as suas mãos grossas e calejadas no pelo macio de cães vagabundos e tristes. Mas a malta não compreende... E abusa dele.

O *quarenta e sete* é amigo dos seus inimigos! Prefere passar mal e ver os seus colegas felizes e contentes do que ser egoís-

HABITAÇÃO

problema candente

«Não há nada que fale tão alto da prosperidade de um povo, como isto de cada um ter com que se remediar. Ora a casa é o remédio.»

PAI AMÉRICO

«Todos têm direito, para si e para a sua família, a uma habitação de dimensão adequada, em condições de higiene e conforto e que preserve a intimidade pessoal e a privacidade familiar», são palavras da Constituição da República que desejávamos ver em plena realização, num esforço decidido, colectivo e particular, em ordem à defesa da dignidade humana e ao amparo da célula primária da sociedade, a família. Infelizmente, o estado de coisas tem-se deteriorado, por razões demais conhecidas, reconhecendo-se oficialmente que, de há três anos a esta parte, a construção clandestina «progride de forma assustadora» e que «a anarquia generalizada tem criado novos bairros de lata», sendo o número destes, actualmente, superior ao existente anteriormente.

Aguardamos com inquietação que, nos termos constitucionais, o Estado, pelos seus órgãos legislativos e executivos, programe e execute uma política de habitação consentânea com as necessidades prementes das populações, aproveitando, para o efeito, os nossos fracos recursos e os créditos estrangeiros postos à disposição do País com essa finalidade. Uma administração conscienciosa das verbas distribuídas, neste como nos outros sectores das coisas públicas, é uma exigência elementar, não vá suceder, à semelhança do verificado em muitos casos tornados públicos, inclusivé no âmbito da Secretaria de Estado da Habitação (v. g., S.A.A.L.). Nunca como hoje os dinheiros públicos foram tão

Património dos Pobres

Cont. da PRIMEIRA pág.

meros intermediários que distribuem. Méritos, se os há, serão dos que dão e dos que recebem, já que o seu sucesso depende exclusivamente dos designios de Deus, pois, com Pai Américo, «ninguém se atreva a levantar qualquer obra por si mesmo, nem acredite no êxito que ela possa vir a ter. Se não tem Deus por fundamento, não presta». E o êxito do Património dos Pobres continuará porque resulta da justiça imane de Deus e tem n'Ele a sua força. A todos os intervenientes no processo cumpre apenas fazer, em coerência, a opção basilar do Amor de Deus e dos Irmãos.

sagrados, se assim se pode dizer, sendo de combater toda a demagogia ou partidarismo e de excluir as delapidações ou os esbanjamentos, chamando a capítulo, doa a quem doer, os responsáveis, sabotadores, consciente ou inconsciente, dos

interesses do Povo português. Importa ainda, de acordo com a Constituição, «incentivar e apoiar as iniciativas das comunidades locais e das populações tendentes a resolver os respectivos problemas habitacionais e fomentar a auto-

ATENÇÃO

senhores Assinantes de O GAIATO

Recentemente, chegou às nossas mãos o seguinte postal: «Recebi ontem o vosso postal que me deixou muito triste e preocupada.

Então eu mando todos os anos um ou vários donativos para a Obra do Pai Américo (destinados a O GAIATO), ainda há bem pouco tempo enviei 100\$00, em Maio outros 100\$00, e agora dizem que o último dinheiro que mandei foi em Novembro de 1974?...

Não pode ser. Vejam bem. Alguém ficou com o dinheiro. Eu tenho sempre mandado em vale do correio e ponho sempre o nome do sr. Padre Carlos.

Agradeço que vejam bem o que se passa...»

Não temos culpa da reclamação. Ela obrigou-nos como que a decifrar uma charada, pois o ficheiro de O GAIATO tem perto de 20.000 Assinantes.

Concretamente, esta senhora estava inscrita com um sobrenome diferente do que indicara na correspondência e nos vales do correio!

Rectificámos. E esclarecemos: sempre que contactar connosco deverá mencionar o nome e o endereço tais quais vão no jornal ou na embalagem dos livros da Editorial.

Os lapsos deste género vêm diminuindo ao longo dos anos. A maior parte deles, sublinhamos, motivados por se desconhecer o funcionamento de um rudimentar ficheiro ordenado alfabeticamente.

Mais um exemplo, entre muitos que poderíamos citar: se uma Maria Rosa... omitir o seu primeiro nome na correspondência, assinando apenas Rosa..., obrigará a uma série de espinhos charadísticos, com perdas de tempo e, às vezes, aborrecimentos para o Assinante que, na sua boa fé, nem sempre avalia o problema razoavelmente.

Em conclusão: os senhores Assinantes façam o favor de

se dirigirem a O GAIATO só pelo nome em que estão inscritos.

Já não falta quem entenda a razão que nos assiste! Como esta Assinante de Lisboa:

«Em referência ao vosso bilhete, que hoje recebi, e que junto remeto, tenho a informar que todos os anos pelo Natal costumo mandar um vale de correio para a vossa Obra... sem dizer o fim a que se destina.»

Depois, faz um mea culpa pela omissão.

Agora, do Porto:

«Um pouco surpreendida com o vosso postal, mas na verdade têm razão. Eu nunca me preocupei com coisas escritas!

-construção e a criação de cooperativas de habitação». Planos realistas, tendo em conta as diversidades de situações e de locais, auxílios gratuitos ou créditos baratos, facilidades fiscais e ausência de burocracias anquilosantes, são, entre outros, os aspectos mais marcantes a ter em conta, não esquecendo uma adequada política de solos e o estímulo previsto, no respeito do bem geral, à iniciativa privada.

Todos não somos demais para enfrentar a situação caótica em que vivemos, neste como noutros sectores da vida nacional. Não se trata de abdicar das convicções íntimas de cada um mas de pôr todas as energias ao serviço do bem comum, para além de partidarismos ou opções doentias. Está em jogo o bem-estar e «a prosperidade de um Povo». Com empenhamento e trabalho afinca-

do saberemos encontrar o «re-médio»: proporcionar a cada família, ou pelo menos ao maior número, um tecto digno e capaz. Noutra local destas colunas damos contas do que humildemente a nossa Obra vai fazendo nesse sentido.

Ao findar destas considerações, não queremos deixar de lamentar que o Orçamento para 1977 preveja a verba de 13,5 milhões de contos para a habitação e equipamento urbanos, considerada despesa social não reprodutiva, enquanto as Forças Armadas são contempladas com cerca de 18 milhões de contos, importância esta próxima do tempo das guerras que sustentámos no Ultramar. Quantas famílias serão abrigadas é uma pergunta que nos vem à baila e quantas mais seriam se as despesas militares fossem reduzidas, ao menos, a metade.

nantes, por facilidade ou até para evitarem esquecimentos, pedem-nos insistentemente a cobrança das assinaturas via postal.

Se nos permitem, eis a nossa opinião: não concordamos inteiramente com a modalidade; seja pela nossa magreza de quadros, seja pela onerosa despesa da cobrança, como, ainda, deixaríamos de partilhar anualmente, por carta ou postal, com os nossos Amigos. Todavia, os mais ocupados ou os mais escrupulosos têm uma solução: inserir o destino das importâncias nas duas linhas insertas no verso dos novos vales do correio. Façam uso deles! Basta uma ou duas frases esclarecedoras. E, assim, evitarão a remessa doutra correspondência.

Por amor de Deus — repetimos — os senhores Assinantes tenham a bondade de facilitar e não complicar a nossa vida com os pedidos de cobrança de assinaturas pelos CTT.

Obrigado.

Júlio Mendes

CANTINHO dos RAPAZES

Cont. da PRIMEIRA pag.

fluas, com o fito da sua casa. «As nossas férias no Algarve — ironizava o Zé — foram no Monte Magro de uma praia de Vila Nova de Gaia, aonde fomos e vínhamos todos os dias.»

Agora têm a sua casa. Pagará o encargo dela ainda muitos anos, mas eles são novos e o trabalho não lhes mete medo. E é muito melhor pagá-la até ao fim, do que pagar sem fim ao senhoro.

Não é o primeiro dos nossos, o Zé, a pensar assim e a aventurar-se a uma tal iniciativa. «Dos fracos não reza a história!» Se ele conseguiu; se outros têm conseguido — porque não muitos mais poderiam alcançar a mesma meta?!

Próprio dos adolescentes que ainda sois, é a supremacia do hoje sobre o amanhã. O inverso desta valorização é um sinal de maturidade.

Alegro-me por estes nossos que assim conquistaram merecidamente o título de adultos; por os ver, na modéstia do seu viver e da sua posição social, membros muito válidos de uma Sociedade melhor que todos querem, mas pela qual poucos trabalham a sério. Como me entristeço por alguns outros que, homens nos anos, mas adolescentes na mentalidade, vivem em dissipação o dia-a-dia, sem jamais lograrem aquele património fundamental

a que todo o homem são deve aspirar, até para nunca vir a ser pesado aos seus concidadãos.

E para cada um de vós que, já de perto ou ainda de longe, sonham com o seu Lar, desejo a determinação destes irmãos vossos que tiveram a coragem de enfrentar as dificuldades da existência e as foram vencendo com muito critério e esforço e persistência — dons que não caem do céu aos trambolhões, mas se alcançam com uma disciplina inteligente e voluntariosa que a si mesmos se impuseram e na qual se exercitaram longamente, alguns desde a idade em que, ainda adolescentes pelos anos, começavam a ser homens pela mentalidade.

Padre Carlos



Gaiato

PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa